

POEMA

Álvaro Magalhães

Um cinema de tiras de papel, arames e uma caixa de cartão,
uma boneca de trapos, os rebuçados de avenca,
o seu coração não suporta tanta alegria
e basta que se não incline tanto.

Essas coisas apenas entontecem,
servem para adormecer um braço
ou fabricar uma dessas redondas lágrimas
que ficam nos álbuns.

Dão-lhe um passado para que o saiba usar
e há coisas melhores, mais duradoiras.

Desculpe, não queria dizer isso,
mas que apenas as palavras se tornam necessárias
quando passa perto essa música;
guarde o corpo para outros acidentes.

Aprenda a viver sem essa dose de veneno,
acorde sempre tarde, por exemplo,
e demore mais um pouco em alguns passos;

veja a imprudência das pontes e do resto,
como estes versos vão sem brilho
até ao fim de qualquer coisa
e, pacientes, esperam.

